

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

O terno de Reis em Maracás e as memórias do Boi de Reis

Ivana Karoline Novaes Machado ¹ 

RESUMO

Neste artigo, será analisada a relação entre o Boi, o terno de Reis e a tradição cultural de Maracás, destacando como os grupos de terno de Reis deste município interagem com as práticas dos terreiros locais. Esse vínculo é observado especialmente no dia seis de janeiro, durante a celebração dos Santos Reis. O tema emergiu de pesquisas de campo no bairro do Cuscuz, onde foi registrada a memória alusiva à presença do Boi e do vaqueiro de Reis nas festividades do terno. Essa memória dá conta de que, em meados da década de 1980, havia uma figura do Boi e de um vaqueiro envolta em mistério e alegria, no centro da roda dos tocadores. Além disso, as comemorações do terno de Reis também se expandem para a zona rural, onde encontramos pessoas entoando cantigas que fazem referência ao caboclo Boiadeiro, frequentemente presentes nos terreiros de umbanda que observamos. Outro ponto interessante é o fato de alguns pais e mães de santo serem devotos dos Santo Reis, proferindo a reza para os santos e convidando alguns tocadores para o terreiro. Há também, tanto nas comemorações, quanto na formação do terno, pessoas ligadas às religiões de matriz africana da cidade.

Palavras-chave: Reisado; Boi; Maracás.

Introdução

Este texto faz parte de um dos capítulos de nossa tese de doutorado que, atualmente, encontra-se em fase de construção. Aqui analisaremos a relação entre o Boi, o terno de Reis e a tradição cultural de Maracás, destacando como os grupos de terno de Reis deste município dialogam com as práticas dos terreiros locais. Esse vínculo é especialmente evidente no dia seis de janeiro, dedicado à

¹ Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA), mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB), especialista em Antropologia com ênfase em culturas afro-brasileiras (UESB), Licenciada em Letras (UESB) e possui segunda graduação em Ciências Sociais. E-mail: novaes.ivanakaroline@gmail.com



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

celebração dos Santos Reis. A decisão de explorar este tema surgiu a partir de pesquisas de campo no bairro do Cuscuz, onde observamos a memória que alude a uma presença do Boi e do vaqueiro de Reis, durante as festividades do terno.

As celebrações aos Santos Reis na cidade de Maracás, entre o fim de dezembro e o início de janeiro, são ansiosamente esperadas por parte considerável da população. Há vários grupos no município, distribuídos entre zona rural e urbana. Essa manifestação é compreendida como um ato de fé. O reiseiro líder é devoto dos Santos Reis. O conjunto de reiseiros (instrumentistas e cantores) compõe o Terno de Reis. Eles são recebidos pelos moradores com muita fé e respeito por todas as áreas da cidade.

Geralmente, chegam às casas sem prévio aviso, mas a surpresa é muito bem recebida pelos devotos de Deus menino que retribuem a dádiva com uma pequena quantia, comida e bebida para os Reiseiros (Silva; Gomes, 2024, p. 375). As casas que recebem o grupo de reisado, são de várias classes sociais. Muitas vezes de católicos e de adeptos das religiões de matriz africana, como a Umbanda, por exemplo. Casas de rezadeiras, benzedeiros, pais e mães de santo também fazem parte de seus percursos.

A manifestação destes grupos é, por um lado, repleta de alegria e diversão; e; por outro, de muita oração e fé. Não se trata de uma manifestação vazia de significado, mas de uma teia cultural onde há elementos sagrados envolvidos em todo o conjunto. Tais elementos são projetados da tradição local. Para Silva (2008), nos ternos de reis, há uma poesia popular que perpetua crenças e valores sociais através de cânticos religiosos oriundos de textos sagrados. Esses cânticos moldam as performances dos ternos de reis, combinando tradição poética e folclórica com expressão performática, incluindo “a expressão performática, o canto e a voz, o corpo e o gesto, os cantores e seu público” (Silva, 2008, p.12).



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Embora, vejamos elementos cristãos-católicos em todo este conjunto de festejos dos Ternos de Reis de Maracás, não podemos negar que haja elementos das religiões de matriz africanas, e da cultura africana, principalmente das regiões do Congo, ao aludirmos aos festejos do rei do Congo, conhecidos aqui no Brasil como congadas. A Congada é uma celebração ancestral de origem africana, trazida ao Brasil com a chegada dos primeiros escravizados, tendo como propósito preservar suas tradições. Essa prática reverencia os antepassados, reis, divindades e anciãos de seu povo. Com o tempo, foram incorporados elementos de devoção a santos, visando à aceitação do rito pela Igreja Católica.

Marina de Mello Souza afirma que existiram reis negros no Brasil em comunidades afrodescendentes como quilombolas e irmandades de devoção a santos. A principal atividade dessas irmandades era a festa anual em homenagem ao santo, onde o rei desfilava com sua corte, músicos e dançadores pela cidade (Souza, 2005, p. 82). Esses cortejos, agrupamentos musicais, especificidades de danças e cantigas, foram introduzidos ao Brasil pelos negros escravizados. Cada região incorpora elementos, símbolos e reelaboram suas tradições. Como no caso da devoção aos santos católicos: Nossa senhora do Rosário e São Benedito, reproduzidos até dias atuais.

No Brasil há também os Ternos de Reis, que incorporam a devoção ao nascimento do menino Jesus, com a presença dos Santo Reis, reproduzindo também um mito católico. Mas o que nos interessa aqui, é a natureza destes festejos que remontam a uma origem africana, preservando o que ainda há de herança dos seus ancestrais. Ou seja, a celebração do nascimento de um príncipe, chegada, ou coroação de um rei, como acontecia nas celebrações de coroação dos reis do Congo.

Sobre esta origem africana, Ramos (2007) nos afirma que são, sobretudo banto. No entanto, não somente desta. Há também elementos de origem



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

sudanesa, pois, na Bahia, onde houve intenso tráfico de escravos sudaneses, encontravam-se celebrações carnavalescas quase extintas que misturaram influências dessas duas culturas. As instituições totêmico-históricas de origem bantu foram especialmente fortes no Brasil, integrando-se às tradições locais.

Assim, podemos notar quantos elementos de origem africana foram incorporados a estes festejos e reelaborados no Brasil sob as mais diversas faces das peculiaridades locais de cada região e época. Maracás, recebeu um grande número de escravizados de origem africana, não se sabe ao certo a etnia africana destas pessoas, mas as manifestações culturais e religiosas de origem banto, talvez, possam nos dar pistas. Como no caso dos Ternos de Reis e da própria organização das religiões de matriz africana mais antigas da cidade.

Um fator importante que define os festejos do reisado de Maracás, como uma manifestação que não é puramente católica-cristã são as interfaces que envolvem seus participantes e devotos, como os pais e mães de santo que proferem a reza dos santos Reis no período da devoção na cidade. Acompanhamos no ano de 2024 uma reza de Reis que aconteceu no terreiro de Umbanda de Dona Fia, uma das mães de santo mais antigas da cidade (de aproximadamente 70 anos de idade). Na ocasião, houve o toque na porta para a entrada de um pequeno grupo de terno de Reis e em seguida a oração proferida por um adepto do candomblé, de alguns benditos e ladainhas, voltados para o altar dos santos, caboclos e encantados do terreiro de Dona Fia.

Também conversamos no mesmo ano com Seu librina e seu filho Taniel. Ambos pertencentes ao Terno de Reis do Camulengue. Seu librina declarou que realiza o terno há anos por promessa e no último dia dos festejos pudemos acompanhar uma manifestação, na zona Rural (Camulengue) onde os envolvidos entoavam cantigas comuns aos terreiros da cidade e que aludiam ao caboclo boiadeiro. Taniel afirmou que já fez parte do candomblé, mesmo enquanto reiseiro



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

e declarou que a sua participação no candomblé o ajudou na desenvoltura do Terno de Reis. Veremos, mais adiante, sobre o que teria sido o Boi de reis no município de Maracás, porém, antes é necessário tratarmos da metodologia desta pesquisa.

Metodologia

A metodologia adotada foi a Etnografia (Malinowski, 1922; Clifford, 1998, Geertz, 2014) e o método foi a História Oral (Vansina, 1982; Hampâté Bâ, 2012; Alberti, 2003) com o apoio de alguns teóricos da memória (Nora, 1984; Le Goff, J., 2012).

Realizamos a etnografia, acompanhando um grupo de Terno de Reis em Maracás, na sede e zona Rural, entre os dias trinta de dezembro e seis de janeiro de 2024, além de entrevistas com alguns reiseiros, as quais não usamos todas neste artigo por conta de sua brevidade. Focamos nas entrevistas realizadas pelo senhor Raimundo Jardim Novaes, Popular Preto de Bio, por trazer informações sobre o Boi de Reis de Maracás. As técnicas utilizadas foram: conversas informais, levantamento de dados biográficos, entrevistas, observações e participações nos ritos. Os recursos foram: fotos, vídeos, anotações em caderno de campo e gravações de voz.

A Etnografia é uma metodologia que nos permite aproximar da comunidade e apreender as suas particularidades, além de experimentar o contexto cultural do grupo. Para Geertz, pesquisa etnográfica consiste em formular a base na qual se imagina estar situado. O texto antropológico é um empreendimento científico. Não estamos buscando nos tornar nativos ou copiá-los. Em vez disso, buscamos conversar com eles, o que é muito mais difícil do que se reconhece habitualmente (Geertz, 2014).



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

A história oral, como método aqui utilizado, entendido não como um campo disciplinar autônomo, mas como um procedimento investigativo que origina uma fonte específica, tem se mostrado um recurso valioso para a compreensão mais ampla das formas de elaboração das estratégias de ação e das representações construídas por indivíduos e coletividades nas diversas formações sociais. Embora essa vertente inclua noções ligadas à memória coletiva, muitas vezes não se aprofunda nas implicações do uso desse conceito, tratando a memória como algo fixo, imutável, preso ao passado e pronto para ser simplesmente resgatado pelo pesquisador.

A memória é significativa não por preencher uma lacuna na História, mas porque, como elemento norteador, elege e valoriza os eventos de um grupo ao qual os participantes pertencem, atuando como criadores de seus próprios contextos culturais. Neste cenário, não se estabelece uma dicotomia entre coadjuvantes e protagonistas; todos são protagonistas que desempenham funções essenciais em sua história. Assim, esses momentos permanecem vivos na memória coletiva, coexistindo com cada sujeito enquanto for possível. Por meio de entrevistas, embasadas na memória de um participante do terno de Reis De Maracás, trataremos, a partir de agora, do que teria sido o Boi de Reis deste município.

Resultados e discussões

Na década de 1980, o Terno de Reis em Maracás contava com dois personagens: o boi e o vaqueiro. O boi era uma armação – de varas, coberta de chita, e uma caveira de boi real para a cabeça – dentro da qual ficava uma pessoa. A armação. O vaqueiro vestia chapéu, perneira e gibão de couro, enfeitado com tecidos. Ambos acompanhavam os grupos, realizando



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

performances coreográficas em suas apresentações. Nesse contexto, o Boi está ligado à fé, oração e promessas. Nesta manifestação, o Boi e o Vaqueiro fazem parte da devoção aos Santos Reis, não sendo apenas representações teatrais. A união do Boi ao Terno de Reis é um momento de devoção, rezas e celebrações.

O Boi tem valor sagrado em várias culturas africanas e brasileiras. Nas religiões de matriz africana em Maracás, ele é venerado ao lado do caboclo Boiadeiro. Dada importância do Boi e Boiadeiro como símbolos respeitados na tradição local, serão apresentados relatos de memória sobre o Boi de Reis em Maracás.

Conversamos com Raimundo Jardim Novaes, conhecido popularmente como Preto² de Bio, que nos anos de 1980 passou quase uma década nas ruas de Maracás, acompanhando alguns Ternos de Reis e vestindo a tradicional indumentária do Boi. Preto assim descreve o modo como eram feitas as fantasias:

O Boi de Reis era um boi mesmo, completo, todo de madeira. E a pessoa samba de baixo. [...] Eu entrava, e sambava... Aí tem um vaqueiro mesmo, todo vestido de couro, que ficava na frente do boi, para sambar na frente do boi. E aí, a gente tinha que sambar igual ao boi, fazer todos os gestos do boi. O boi era completo. Com cifres e com tudo. Arrumava uma cabeça de boi de verdade e cifres de verdade. Aí, faz o boi mesmo, todo forradinho de chita, todo bonitinho de chita, todo perfeito. Só que ele na frente, tem uma abertura pequena pra gente enxergar. Quando a gente tá sambando ali, a gente vê tudo. [...] Eu sambava com ele assim, suspenso [do chão] uns trinta centímetros, mais ou menos. E o forro dele, o forro do boi, cobria meu pé, não via meu pé. A chita que cobria o boi, rastava no chão. Então quando eu suspendia ele para sambar, ninguém via meu pé por causa da chita que cobria. Então, quando eu arriava ele para descansar, a chita ficava no chão (Preto, 2025).

Preto demonstrou um profundo respeito e seriedade ao abordar o tema, enfatizando que o Boi e o Terno de Reis são práticas sérias, reservadas a pessoas devotas que fazem promessas e detêm a sabedoria necessária para organizar

² Optamos por usar, a partir de agora, a alcunha de Preto. Segundo ele, é assim que prefere, porque quase ninguém o conhece pelo seu nome de registro.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

esses eventos. Afirmou que ele mesmo não poderia criar um grupo, pois isso só seria permitido àqueles com devoção genuína:

O reisado ele não é de qualquer jeito fazer um reis, não. Sair tocando, não... Já tem as pessoas que tem as promessas de todo ano sair com os reis na rua, nas casas, tocar nas casas. Então não é assim aleatório, cada um criar, não. Tanto é que não tem muitos reis. Tem as pessoas já certas que tem os reis. Principalmente na nossa cidade aqui. [...] Cada um tem sua promessa, cada um tem seu terno de reis. Não é qualquer um. Eu mesmo não posso, não vou fazer um terno de reis, porque eu não tenho promessa, pra mim fazer e sair. Eu não posso fazer isso. Só eles que tem aquela promessa, divinamente, que eles têm que fazer aquilo, de todo ano eles tocarem o reisado em todas as casas. Tanto, que eles começam tocar as seis horas [da manhã], as vezes cinco. Enquanto tiver o pessoal chamando, eles tão tocando (Preto, 2025).

Além de explicar a vestimenta e os instrumentos. Preto fala sobre o rito em si, demonstrando que havia uma relação intrínseca entre o Terno de Reis e o Boi, com os seus devidos segredos. Ele ressaltou, por exemplo, que ao se deslocar de uma casa para outra, preferia não sair da armação do animal, para não quebrar o encanto e a magia da apresentação. Acerca desta manifestação ele deu detalhes:

[...] Na hora do samba [do terno de Reis], era a hora do Boi Sambar. [...] Eles cantam os reis lá dentro da sala. Se a sala for grande, sambam na sala da pessoa. Se não puder sambar, for apertado, sai do lado de fora da rua e samba do lado de fora, na rua. Aí samba, a gente fica com um lencinho branco dentro, aí quando a gente já sabe mais ou menos o tanto que sambou, aí joga o lenço pra fora, aí um dos reiseiros pega, ou quem tiver acompanhando pega, e vai lá e entrega o dono da casa. O dono da casa vai lá e pega uma quantia, que ele acha que tem que dar, bota, amarra no lenço e entrega ao que é o dono do terno de reis. Tem um dono ali [...]. Aí todo aquele dinheiro arrecadado, divide com todos aqueles que tocam. São uns que tocam gaita, outros que tocam zabumba, aí tem outros que toca a caixa mesmo, outro toca o pandeiro, tem o triângulo que toca. [...] Aí eles faz a roupa do terno dele, com a cor que ele achar melhor, se é azul, se é vermelho. Então ele faz a vestimenta todinha. Todos eles têm vestimenta completa. Aí, as pessoas sai chamando: "eu quero que toca hoje na minha casa" aí, manda o convite. Toca...! Aí, tá numa rua tocando, aí o outro vizinho já manda recado: "pode vir na minha casa". Aí, eles fecha a casa, fica do lado de dentro tudo sentadinho esperando sair daquela casa. Aí, começa a tocar na [outra] porta... aí quando eles terminam de tocar. Aí eles gritam:



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

"viva o dono da casa! viva!" Aí o dono da casa abre a porta, para tocar de novo dentro da casa. Aí, era aí que eu sambava... (Preto, 2025).

Para Preto, nem toda pessoa poderia assumir os papéis do Boi de Reis ou do Vaqueiro; ambos precisavam estar em sintonia e compreender a essência do momento. O Vaqueiro que sambava junto ao Boi de Reis, mesmo familiarizado com todo o ritual, enfrentava uma espécie de desafio que encantava o público. O Boi evocava o medo, enquanto o Vaqueiro representava a coragem. E, juntos, mesmo sem palavras, se comunicavam por meio de gestos e dos sons gerados pelo Terno de Reis. Acerca da presença dos dois, Preto afirmou:

eu falava com o vaqueiro: "tu é ligeiro, senão eu te panho". Na hora que ele vacilava, eu dava uma panhada nele e jogava ele no chão [risos] era! E o vaqueiro cheio de cabaça nas costas, cheio de jaleco, cheio de chapéu de couro, tudo... sambava, mesmo. Com um porretinho, futucando. Futucava do lado do Boi, eu virava o rabo, futucava... eu corria para o outro lado, eu futucava em cima, ele pulava de lado. Eu ia em cima dele, ele pulava de lado. Tem que saber sambar, chamar o público. [...] sambava o dia todo, eu e o vaqueiro. Então o vaqueiro tinha que ser muito esperto para poder tentar matar o boi. Só que eu, o Boi, era esperto também e quebrava ele muito, derrubava muito ele [o vaqueiro]. Ele já caiu muito no chão, tentando matar o Boi. [...] Eu gostava quando eu dava queda no vaqueiro. [...] Ele caía... Ele tinha que ser mais ligeiro do que o Boi. Só que tinha hora que ele... ele sambava aqui na frente, aqui assim, eu balançava o Boi, fazia que ia e não ia, quando ele vacilava eu ia de vez nele. E aí, eu enganchava no jaleco dele e saía rastando, outra hora eu batia nas pernas dele, ele caía. Ele tinha que ser muito ligeiro o vaqueiro. E era ligeiro (Preto, 2025).

A narração de Preto ilustra a dinâmica entre o vaqueiro e o Boi, destacando como o animal era temido e como o vaqueiro precisava ser astuto para lidar com suas artimanhas. Essa interação vai além do espetáculo: está presente nas práticas religiosas dos terreiros de umbanda locais, onde a manifestação do caboclo boiadeiro revela um universo mítico profundamente ligado à vida das pessoas. O respeito dos devotos pelo Boi e pelo Vaqueiro se deve, em grande parte, ao valor simbólico da chegada do animal ao Brasil. Vale lembrar que os indígenas, que não conheciam animal maior que a anta, ficaram impressionados com o boi — e essa



UESB



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

estupefação pode ter contribuído para o surgimento de uma aura mística em torno dele.

Segundo Preto, os papéis do Vaqueiro e do Boi eram sempre desempenhados pelas mesmas pessoas, o que reforça a seriedade e a singularidade da representação. O duelo entre ambos confere à encenação um caráter intensamente real. O Vaqueiro, que conhece o mundo do Boi, e o Boi, com sua natureza misteriosa e imprevisível, simbolizam as estratégias de resistência desenvolvidas pela população negra e pobre, sobretudo durante a escravidão. Como figura mítica, o Boi permanece presente nessas manifestações, evidenciando que sua ligação com a população africana — e depois afro-brasileira — segue viva até hoje.

Nesse contexto, a memória desempenha um papel crucial na reconstituição da identidade humana. O ser humano é moldado por suas lembranças; ele é o que é porque se recorda de seu passado. Assim, ele continua a existir e a se afirmar na contemporaneidade, graças à persistência de sua memória (NORA, 1984, p.17).

Outro importante momento destacado por suas memórias do ritual do Boi de Reis é a “matança do Boi”. Segundo ele, este compunha o episódio mais aguardado por todos:

O mais gostoso do terno do Boi era a festa do boi, porque tinha a matança do Boi. No dia seis [de janeiro] que encerra o reisado, tinha a matança [...] então, na hora de matar o Boi, a gente fazia um suco de beterraba bem forte, botava amarrado em um saco plástico, na direção do coração do Boi, quando o vaqueiro conseguia amarrar o Boi, e virar o Boi no chão, para quebrar o Boi, para matar o Boi, era a hora de furar o saco de beterraba, que caía no chão tudo. Aí o pessoal gritava: “matou o boi, olha o sangue derramando!”. Derramava todo o suco de beterraba bem forte. Era, ali a hora que o Boi morria. Mas não era fácil matar o Boi, não! [...] quando chegava as seis ou sete horas da noite, o Vaqueiro conseguia matar o Boi. A gente não aguentava passar deste horário, não, porque era muito cansativo [...]. Aí, a gente anunciava: “vai ser a matança do Boi, domingo, dia seis! Aí o pessoal ia pra lá (Preto, 2025).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Nota-se, a partir deste relato, que tudo converge para o momento mais celebrado, que é a morte do Boi. Trata-se de uma morte simbólica, repleta de significados, que representa uma vitória sobre um dos animais mais misteriosos e temidos por todos, o Boi. A festa do Boi, segundo Preto, vem logo em seguida, marcada por muita alegria, comida e bebida, celebrando mais um ano de conquistas: “Eu gostava mesmo era da festa, porque tinha muita comida, muita bebida [...] o pessoal doava e levava muita comida e muita bebida e aí era muita gente” (Preto, 2025). Essa celebração é, sobretudo, um agradecimento pelas graças alcançadas e reúne todos os envolvidos para o esperado momento.

Conclusão

O significado mítico-religioso do terno de reis e, principalmente, do “Boi de Reis” reverencia os ancestrais, que, de uma forma ou de outra, elaboraram seus meios de subsistência. Muitos escravizados e ex-escravizados do sertão da Bahia tiveram diante de si o Boi, um animal que precisavam dominar para demonstrar seus conhecimentos mais apurados. Se o animal era misterioso, quem o dominava também o era.

Dessa forma, as celebrações aos Santos Reis em Maracás configuram-se como um importante patrimônio cultural afro-brasileiro da cidade, preservado com vigor pela sua população. Mais do que uma manifestação festiva, o Reisado representa uma expressão profunda de fé, enraizada tanto nas tradições cristãs quanto nas matrizes afro-brasileiras que marcam a identidade local. A presença dos grupos espalhados por regiões urbanas e rurais, a figura do reiseiro devoto e a recepção respeitosa dos moradores demonstram a vitalidade e o sentido comunitário dessa prática. As cantigas que evocam elementos da umbanda e remetem à memória de Preto sobre o Boi de Reis revelam a força da herança



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

africana nesse contexto, reafirmando o Terno de Reis como uma celebração simbólica que articula religiosidade, diversidade cultural e pertencimento ao sertão maracaense.

Referencias:

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (22.: João Pessoa, PB). Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

Amadou Hampâté Bâ. A tradição viva, in História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

Le Goff, J. Documento/Monumento. In História e Memória (pp. 509-524). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n.º 10, dez. 1993, pp. 07-28.

RAMOS, Arthur. O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise. 3ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

SILVA, Adriana Carvalho da; GOMES, Fabrício Diego Santos. *Patrimônio e reisado: possibilidades de educação escolar quilombola em Maracás-BA*. Anais da Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira, [S. l.], v. 1, p. 369–379, 2024. Disponível em: <http://anais2.uesb.br/index.php/sepab/article/view/716>. Acesso em: 2 mar. 2025.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura Popular e a Educação. In: Cultura Popular e Educação. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX*. Revista de História, São Paulo, n. 152, p. 79–98, 2005.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: ZERBO, Joseph K. (org). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA

